



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Freitas Oliveira, Waldir
Leopold Sedar Senghor e a Negritude
Afro-Ásia, núm. 26, 2001, pp. 409-419
Universidade Federal da Bahia
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77002611>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

LEOPOLD SEDAR SENGHOR E A NEGRITUDE

Waldir Freitas Oliveira*

Foi, provavelmente, a partir dos anos 60 do século XX que a palavra negritude passou a figurar nos dicionários da língua portuguesa, vinda do francês — *négritude*, com uso já comum, nesse idioma, desde a década dos 30, quando escritores negros nascidos em colônias da França, usando-o como sua segunda língua, criaram-na e passaram a utilizá-la para exprimir algo novo que sentiam sem que houvessem antes encontrado termo apropriado para defini-lo.

A negritude, considerada em sua essência, não nasceu, contudo, na Europa, mas em terras da América, talvez sob a inspiração do movimento *New Negro*, surgido dos Estados Unidos em começos deste século, do qual participaram grandes poetas negros norte-americanos como Langston Hughes, Countee Lee, Jean Toomer e Claude McKay, todos com grande influência sobre a obra dos poetas francófonos da região das Antilhas e do Caribe, em especial sobre a de Aimé Césaire, da Martinica, e a de Léon-Gontran Damas, da Guiana. Foi, portanto, através de autores franceses da América que chegou ao mundo europeu, a palavra *négritude*, usada, a partir de um certo momento, por alguns intelectuais

* Waldir Freitas Oliveira é escritor e pertence à Academia de Letras da Bahia. Foi um dos fundadores do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, havendo-o dirigido de 1961 a 1972, e da revista *Afro-Ásia*.

negros, como estandarte, bandeira de luta, selo de identidade étnica, sinal do orgulho que sentiam tanto por serem negros, como pelas suas origens.

Dos poetas negros nascidos em colônias da França e que, obviamente, se expressavam em francês, ao menos dois deles — Aimé Césaire e Leopoldo Sedar Senghor, receberam, além da influência dos poetas negros rebeldes da América, a do surrealismo, movimento artístico-literário surgido em Paris, em começos do século XX, definido, por André Breton, seu principal teórico, no “Manifesto de 1924”, como “automatismo psíquico puro, através do qual se pretende explicar verbalmente, por escrito ou por outro método qualquer, o funcionamento real do pensamento”. Tendo merecido o surrealismo, nessa época, grande aceitação na Europa ocidental, participando do seu elenco de idéias e, com isso, naturalmente, chocando os literatos mais conservadores, a de ser o irreal tão verdadeiro quanto o real, e a de o sonho e a realidade se relacionarem como se fossem verdadeiros vasos comunicantes.

Senghor nos descreveu o quadro francês do surrealismo, por ele vivido em Paris, ainda estudante, em sua conferência *Sur la Poésie*, pronunciada na Academia de Belas Artes da Baviera, da Universidade de Munich, a 10 de novembro de 1961. Nela citou os poetas franceses Blaise Cendrars, Guillaume Apollinaire e Jules Supervielle como os mais influentes sobre os estudantes senegaleses e antilhanos, que então residiam na capital da França. Disse, ainda, que os surrealistas tentavam dar um aspecto humano à poesia, a partir da linguagem. E ao lado de realçar a ousadia dos seus seguidores, expressa através de um “estilo inquietante e inquietador, através do qual as palavras se entrechocam para lançar faíscas, chamas, chuvas de estrelas”, afirmou que, a esse tempo, “os estudantes senegaleses e antilhanos forjavam as armas com as quais eles abordariam o futuro”.¹

Não foram, porém, esses poetas, os que desencadearam e lideraram, a seguir, a rebeldia inicial daqueles jovens intelectuais negros, cabendo esse papel a Etienne Lero, Jules Monerot e René Ménénil — os que

¹ Leopoldo Sedar Senghor, “Sur la Poésie”, in *Le Dialogue*, Bonn, Éditeur - Deutsch Afrika-Gesellschaft, e .V. Société Allemand pour l’Afrique, s/d, p. 14.

redigiram e publicaram, em começos dos anos 30, o manifesto *Légitime Defense*, tido como a primeira grande tomada de consciência dessa intelectualidade negra, ainda que não houvesse o documento produzido, na ocasião, a repercussão desejada pelos seus autores. Somente mais tarde vindo a firmar-se uma nova liderança no seio desse grupo, tomando por base uma outra publicação, esta surgida nos anos 1934/35 — o jornal *L'étudiant noir*, dirigido por Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas e Leopold Sedar Senghor, expoentes de uma renovada rebeldia, que iria assumir, depois, forma clara e definida, e transformar-se, afinal, em movimento capaz de posicionar-se, de modo decisivo, na história das literaturas em língua francesa.

Mas que será, afinal, a negritude? A dificuldade de defini-la, persiste, ainda que já se tenha passado muitos anos desde o seu surgimento. Senghor tentou dar-lhe um conteúdo que ultrapassasse limitações étnicas e lhe propiciasse dimensões universais. Dela afirmou, então, ser uma nova maneira de ver e entender o mundo, um certo tipo de “existencialismo”, uma filosofia “enraizada na Terra-Mãe, que desabrocha ao sol da Fé e pressupõe presença na vida.... no mundo.... participação do sujeito com o objeto.... comunhão do Homem com as forças cósmicas, do Homem com os outros homens.... e, além disso, com tudo o que existe, do seixo à Deus”.² Visão e entendimento esses, cheios de um sentimento intenso de panteísmo, diverso, contudo, do de Espinoza, que, segundo Senghor, brota, por necessidade vital, de dentro de cada negro que se dispõe a contrapor, aos valores “brancos” que lhes foram impostos por uma educação que sempre visou, de modo claro, sua assimilação cultural, seus próprios valores — “valores negros”, portanto — entre eles, uma maneira própria de ver e sentir o mundo em volta, reconhecidos e afirmados por Senghor, como parte integrante de cada negro, podendo-se deles até dizer serem carne da sua própria carne. Será este, então, o momento de relembrar os versos flamantes de Birago Diop, poeta e contista senegalês, que participou, também, em certo momento, da redação e direção do jornal *L'étudiant noir*:

² Citado por Wilfried Feuser, *Aspectos da literatura do mundo negro*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1969, p. 42.

*Ecoute plus souvent
les choses que les êtres.
La voix du feu s'entend,
entends la voix de l'eau,
écoute dans le vent en sanglots.
C'est le souffle des ancêtres.³*

Escuta sempre mais
as cousas que as pessoas.
Ouve a voz do fogo,
ouve a voz da água,
escuta a do vento em soluços.
É o respirar dos ancestrais.

E prossegue o poeta, realçando o quanto significa para os negro-africanos, seus antepassados, que continuarão a comandá-los nos pensamentos e atos, no contexto dinâmico de uma tradição que anula calendários e torna presente e passado, tempos de um mesmo tempo:

*Ceux que sont morts ne sont jamais partis,
il sont dans l'ombre qui s'éclaire
et dans l'ombre qui s'épaissit,
les morts ne sont pas sous la terre;
ils sont dans l'arbre qui frémit,
ils sont dans le bois qui gémit,
ils sont dans l'eau qui coule,
ils sont dans l'eau qui dort
ils sont dans la case, ils sont dans la foule;
les morts ne sont pas morts.*

Os que estão mortos nunca se foram,
Eles estão na sombra que se aclara
e na sombra que se espessa.
Os mortos não estão sob a terra;
eles estão na árvore que se agita,
eles estão no tronco que geme,
eles estão na água que corre,
eles estão na água que dorme,

³ "Leurres et Lueurs", Birago Diop, in *Le Dialogue*, p. 19.

eles estão na cabana, estão na multidão;
os mortos não estão mortos.

Deles extravasa, de forma exuberante, um sentido essencial de eternidade, algo que parece haver sido conservado, entre os europeus, por poucos filósofos, raramente por literatos, mas que assume entre os negros africanos, caráter dominante. Desde quando insistem eles em querer permanecer e ser reconhecidos como elos de uma corrente una, interminável, sucessores dos que os antecederam, nunca surgindo como indivíduos que se transformam em heróis frente aos seus próprios olhos. Pois que os seus heróis serão sempre os seus deuses.

De todas as influências recebidas, contudo, por esses jovens intelectuais negros franceses, nos anos 30, talvez a maior de todas, do ponto de vista estritamente literário, haja sido a exercida pelo poeta negro americano, originário da Jamaica – Claude McKay. Aimé Césaire afirmou, certa vez, haver sido em seu romance *Banjo*, que viu, pela primeira vez, “negros descritos com veracidade, sem complexos nem preconceitos”; e Senghor insistiu em sua afirmativa de dever ser ele “considerado, com toda razão, o verdadeiro inventor da negritude”.⁴ Claude McKay, contudo, aparece com pouco destaque nas histórias comuns da literatura norte-americana, que registram, às vezes, seu livro de poemas — *Songs of Jamaica*, publicado em 1912, e seus romances — *Banjo*, de 1929, e *Banana Botton*, de 1933, ou pouco se referem, sem valorizar como deveriam, o papel que exerceu sobre os movimentos literários negros de rebeldia, no seio da sociedade dos Estados Unidos.

Os depoimentos, contudo, feitos a seu respeito por Césaire e Senghor, e ainda, o fato de um dos seus poemas haver sido utilizado como epígrafe, por Léon-Gontran Damas, em seu livro *Pigments*, são suficientes para que seu nome e sua obra não possam ser esquecidos.⁵ E sua atuação como um dos mais ativos participantes desses movimentos

⁴ Citado por Wilfried Feuser, *Aspectos da literatura...*, p. 333; e cf. Lilyan Kesteloot, *Les écrivains noirs de langue française: naissance d'une littérature*, Université Libre de Bruxelles, Institut de Sociologie, 1963, p. 47.

⁵ Leon-Gontran Damas, *Pigments*, Paris, Présence Africaine, 1962. Esta a epígrafe: “*Be not deceived, for every deed you do I could match, overmatch: Am I not Africa's son. Black of that black land where black deeds are done*”, p. 9.

assegura-lhe a gratidão de todos os negros que, através da sua obra tanto quanto a de vários outros, puderam se conscientizar da discriminação que sofriam e decidiram ir à luta para anular a situação humilhante em que viviam. E será significativo reproduzir, aqui, um dos seus mais violentos e incisivos poemas, composto em 1917:

*If we must die, let it not be like hogs
Hunted and penned in an inglorious spot...
If we must die, O let us nobly die,
So that our precious blood may not be shed
In vain...
Like men we'll face the murderous, cowardly pack,
Pressed to the wall, dying but fighting back!*⁶

Se devemos morrer, que não seja como porcos,
perseguidos e cercados em um lugar inglório...
Se devemos morrer, oh, deixem-nos morrer nobremente
para que nosso sangue precioso não seja derramado
em vão...
Como homens, enfrentaremos os assassinos, covardemente agrupados,
esmagados contra os muros, morrendo, mas lutando sempre.

Senghor afirmou, certa feita, que, do mesmo modo que a poesia negro-africana, sua irmã negro-americana, era essencialmente “não-s sofisticada”, assemelhando-se ao canto, sendo poesia feita mais para ser cantada ou recitada que ser lida. E tal testemunho assume grande importância se quisermos encontrar as raízes da “negritude”, buscando-as sob o mesmo chão de onde, antes, brotara a poesia da chamada “Renascença Negra” americana; pois foi da América que partiu a influência maior recebida pelos poetas antilhanos e africanos estabelecidos em Paris, reunidos em torno de *L'Étudiant Noir*, jornal que Damas qualificou como “corporativo e de combate, tendo como objetivo o fim da tribalização do sistema clânico em vigor no Quartier Latin”. E acrescentou, comentando-o, que com ele “deixava-se de ser um estudante essencialmente martinicano, guadalupense, guianense, africano, malgaxe, para não ser

⁶ Extraído de *Selected Poems of Claude McKay*, in *Black History: A reappraisal*, Edited and commentary by Melvin Drimmer, New York, Doubleday & Company, Inc., 1968, p. 374.

mais que um simples estudante negro”. Concluiu, então — “Extinta, afinal, a vida em círculo fechado”.⁷ Sendo importante constatar haver sido precisamente entre antilhanos e senegaleses que ganharia corpo a mensagem de revolta que transpôs o oceano, vinda, especialmente, da zona do Caribe.

Já possuíam os antilhanos uma firme tradição de rebeldia — os movimentos armados ocorridos no Haiti e em São Domingos permaneciam na memória das populações de todas aquelas ilhas, como lendas sopradas pelos ventos, conservando-se vivas as histórias que contavam a coragem e a valentia de negros rebelados que haviam ousado contrapor-se, em atos de luta, à força dos colonizadores. Enquanto isso, no Senegal, processava-se, nessa época, a mais eficiente e bem elaborada política de assimilação cultural já aplicada pelo colonizador europeu sobre um país da África negra. Todos conhecendo o fato de serem, a esse tempo, os jovens senegaleses instruídos em História, na escola primária, repetindo com seus mestres, a frase terrível — *Nos ancêtres, les gaulois...*

E se desde os anos 30 já se haviam unido jovens intelectuais negros, em vários pontos, buscando uma posição firme e coerente com seus princípios, visando a valorização das culturas dos povos negros dos quais descendiam, foi, contudo, somente em fins dos anos 40, que a palavra *negritude* veio a ganhar destaque no seio das comunidades intelectuais da Europa. Talvez em consequência da publicação, em 1948, em Paris, organizada por Leopold Sedar Senghor, de *L'Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*,⁸ com prefácio sob o título *Orphée noir*, escrito por um dos maiores nomes da literatura francesa, Jean-Paul Sartre. Nele, entre outras cousas, afirmou o escritor e filósofo, de modo a não deixar dúvidas — “A poesia negra de língua francesa é, atualmente, a única grande poesia revolucionária”.⁹

Sobre a importância desta antologia será desnecessário dizer muito, tal foi sua enorme repercussão, no mundo inteiro, todos a reconhe-

⁷ Citado por Feuser, Aspectos da literatura..., pp. 41-42.

⁸ Leopold Sedar Senghor (org.), *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*, Paris, Presses Universitaires, 1948.

⁹ Jean-Paul Sartre, “Orfeu negro”, in *Reflexões sobre o racismo*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, p. 109.

cendo como um marco decisivo para a consolidação do conceito da “negritude” e para a garantia de que, dali por diante, não mais seriam exclusivamente os poetas brancos de língua francesa, que deveriam ser apontados como grandes expoentes da poesia na França. E se muitos poemas nela incluídos chocaram o chamado bom-gosto de numerosos críticos e foram considerados grosseiros e ofensivos, será conveniente aqui recordar as palavras iniciais do prefaciador, quando perguntou — “O que esperáveis que acontecesse, quando tiraste a mordaça que tapava estas bocas negras? que vos entoariam louvores?”¹⁰

Não é meu objetivo estabelecer, aqui, um paralelo entre os três principais redatores do jornal *L'étudiant noir* — Senghor, Césaire e Léon-Gontran Damas. Cada um deles possui características próprias na sua poesia. Todos concorreram para firmar o conceito da “negritude” nascente, na Paris inquieta dos anos 30. O que desejo, então, é realçar a qualidade dos versos de Senghor, hoje considerado, aos 93 anos, como um dos maiores poetas da língua francesa. Deles não direi, contudo, serem melhores que os dos seus companheiros. Não quero, em nenhum momento, estabelecer comparações entre eles, avaliando-os com base em padrões preestabelecidos. Assim, se ousar falar, hoje, de Senghor, poderei, amanhã, ousar falar, com toda a liberdade, de Césaire ou de Leon-Gontran Damas. E por haver tido o privilégio de conhecê-los pessoalmente, o que muito me envaidece, deixo claro que esta circunstância não me permite, por um dever ético, falar de sua poesia levando em conta este meu conhecimento pessoal. Principalmente quando dos três, aquele com o qual tive maior contacto não foi precisamente Senghor, que ocupava, na ocasião em que estive no Senegal, a chefia de governo do país, o que o colocou, naturalmente, a uma grande distância da minha curiosidade de intelectual e, naturalmente, das minhas perguntas, durante o único encontro que então tivemos; havendo sido, contudo, Leon-Gontran Damas o que mais conviveu comigo, em longas conversas, e mesmo em duras discussões que, por várias vezes, mantivemos, tal era o seu radicalismo e a sua intransigência quando se tratava de definir o papel ou a situação do negro, em qualquer sociedade; conversas e dis-

¹⁰ Sartre, *Orfeu...*, p. 105.

cussões ocorridas tanto em Salvador, onde permaneceu, por algum tempo, em 1964, como em Dacar, durante a realização, naquela cidade, do Primeiro Festival Mundial da Arte Negra, em 1966, quando, de novo, nos encontramos.

Chegarei, agora, à poesia de Senghor, guiado por Sartre, que me fez, com certeza, melhor conhecê-la. Transcrevo, então, as palavras do filósofo, referindo-se a Senghor, sem o identificar, dizendo apenas que “um poeta negro, sem mesmo se preocupar conosco”, segreda à mulher que ama:

*Femme nue, femme noire
vêtue de ta couleur que est vie, de ta forme qui est beauté!*
.....
*Femme nue, femme obscure
fruit mûr à la chair ferme, sombres extases du vin noir,
bouche que fais lyrique ma bouche.*¹¹

Mulher nua, mulher negra,
vestida da tua cor que é vida, da tua forma que é beleza.
.....
Mulher nua, mulher sombra,
fruto maduro de carne firme, êxtases turvos de vinho negro,
boca que torna lírica minha boca.

e afirma que depois dessa leitura, “nossa brancura nos parece um estranho verniz pálido que impede nossa pele de respirar, uma malha branca de *ballet*...”¹² Prossigo, citando versos do próprio Senghor, em seu poema *Ethiopie — A l’appel de la race de Saba*, no qual saúda a rainha do reino de Sabá, supostamente negra, por quem se apaixonou, conforme consta do imaginário histórico, o rei Salomão:

*Mère, sois bénie!
J’entends ta voix quand je suis livré au silence sournois
de cette nuit d’Europe*

¹¹ Os versos citados, integrantes do poema “Femme noire”, foram transcritos de L. S. Senghor, *Poèmes*, Paris, Éditions du Seuil, 1964, pp. 16-17. Tradução livre do autor.

¹² Sartre, *Orfeu...*, p. 106.

*prisonnier de mes draps blancs et froids bien tirés, de toutes
les angoisses que m'embarassent inextricablement...*

.....
*Mère, respire dans cette chambre peuplée de Latins et de
Grecs l'odeur des victimes vespérales de mon cœur.
Qu'ils m'accordent, les génies protecteurs, que mon sang
ne s'affadisse pas comme un assimilé comme un civilisé.*¹³

Mãe, eu te bendigo!
Eu ouço tua voz quando me entrego ao silêncio sorrateiro
dessa noite da Europa,
prisoneiro dos meus lençóis brancos e frios, bem estirados, e de todas
as angústias que me embaraçam de modo inextricável...

.....
Mãe, respira neste quarto povoado de latinos e gregos,
o odor das vítimas vesperais do meu coração.
Que eles, os gênios protetores, me despertem e que o meu sangue
não se enfade como um civilizado, como um assimilado.

De bem pouco, então, adianta procurar demonstrar, como fez, por exemplo, o crítico e professor de literatura Wilfried Feuser, deão, nos anos 60, da Faculdade de Artes da Universidade de Ifé, na Nigéria, como toda uma literatura clássica européia teria influído sobre a poesia de Senghor, procurando, com isso, talvez, desmerecer sua africanidade.¹⁴

Seria, em verdade, convenhamos até impossível, que tal não houvesse acontecido, tratando-se de Senghor, alguém que ganhava a vida em Paris, ensinando francês e latim, e lia autores latinos e franceses com toda a extrema facilidade que lhe propiciara uma boa e sólida formação escolar européia. E se não chegou Senghor, como poeta, a assumir posturas tão radicais como as dos seus companheiros de início de jornada, se não usou em seus poemas, a mesma veemência de um Césaire, expressa, por exemplo, em seu *Cahier d'un retour au pays natal*, ou a de Damas, em *Pigments*¹⁵, nem por isso deixará de ser considerado Leopold

¹³ Senghor, *Poèmes*, pp. 57/9. Tradução livre do autor.

¹⁴ Feuser, *Aspectos da literatura...*

¹⁵ Nesta última, por sinal, encontram-se, no poema "Limbé", ao meu ver, os mais belos versos, dentre os escritos por um poeta da negritude: — *Rendez-les moi mes poupées noires // que je joue avec*

Sedar Senghor, como uma das maiores expressões da negritude e, ainda, como o único dentre os seus companheiros de jornada, que conseguiu, ainda que circunstancialmente, unir sua mensagem poética a uma outra, de conteúdo filosófico-político, sustentada, em grande parte, com certeza, pela condição de chefe de governo do seu país natal — o Senegal. E nela, em decidida busca por tornar universais, despojando-os do que neles poderiam ser tidos como exotismos locais, valores que não deveriam ser tomados apenas como étnicos, mas considerados como vinculados aos negros de todo o mundo, tornando-se, desse modo, capazes de ser enxergados como referentes a uma maneira própria dos negros, de ver e sentir o mundo e a humanidade. Extravagante, incoerente, talvez, ou ousada em demasia a sua concepção, convicto achando-se, porém, Senghor, de estar a expressar um ideal que sempre pretendeu e pretende ainda realizar.

Que se analise ou discuta, hoje, pois, a “negritude”, com outros olhos e novas perspectivas. O tempo decorrido desde o seu surgimento fez com que muitas idéias mudassem de forma, que muitos conceitos tivessem de ser revistos. Meu intuito, contudo, é somente o de fazer justiça a um poeta que se empenhou, nos começos deste século, na luta para valorizar, rompendo barreiras e preconceitos, o homem negro, fosse onde fosse nascido, não importando em que língua estivesse a escrever, tornando-o orgulhoso de si mesmo e das suas origens.

*elles // les jeux naïfs de mon instinct // resté à l'ombre de ses lois // recouvrés mon courage /
/ mon audace // redevenu moi-même // nouveau moi-même // de ce que Hier j'étais // hier //
sans complexité // hier // quand est venue l'heure du déracinement. Me devolvam minhas
bonecas negras // quero com elas brincar // os jogos ingênuos de meu instinto // à sombra de
suas leis // recobradas a minha coragem // a minha audácia // me sentir eu-mesmo // de novo
eu-mesmo // como Ontem eu era // ontem // sem complexidade // ontem // quando chegopu a
hora do desenraizamento. Leon-Gontran Damas, *Pigments*, pp. 41-3. Tradução do autor.*